

# SEMIOLOGIA ESTRUTURAL E SEMIOLOGIA DE CONTEXTO NA ANÁLISE DA COMUNICAÇÃO SOCIAL

\* Mestre em Comunicação Social pelo Instituto Metodista de Ensino Superior, S. B. Campo, doutorando em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

## ABSTRACT

*This text deals with the question of the analysis of communication phenomena where "Structural Semiology" is confronted with what is being called "Context Semiology", a new theoretical methodological paradigm in the study of the production of meaning, sustained in both, Semiology and Sociology.*

*Under this new focus the process of receiving and interpreting a message which occurs by means of the socio-cultural intermediation of people's everyday life becomes more outstanding.*

## RESUMO

*A problemática da análise dos fenômenos comunicacionais é abordada neste texto, onde a "Semiologia Estrutural" é confrontada com o que está sendo chamado de "Semiologia de Contexto", um novo paradigma teórico - metodológico no estudo da produção dos sentidos, sustentado na bidisciplinaridade semiologia e sociologia. Neste novo enfoque ganha relevância o processo de recepção e interpretação da mensagem que ocorre através das intermediações sócio-culturais do cotidiano das pessoas.*

## CONTEÚDO OU DISCURSO

O termo “*análise de conteúdo*” vem sendo usado para denominar uma linha de estudos da comunicação social que, ao examinar uma informação registrada num determinado veículo, concentra-se no âmbito da *mensagem*. Tal estudo da mensagem é abordado em duas direções distintas: **a**) na análise do “*conteúdo explícito*”, num enfoque quantitativo, onde se busca isolar no corpo do texto determinados elementos - palavras, personagens, frases, imagens, temas etc. - denominados “*unidades de análise*”, detectados através de certas categorias previamente determinadas, conforme explica Berelson;<sup>1</sup> e **b**) na análise da estrutura da mensagem ( onde se dá o efeito de sentido ), do *discurso “não manifesto”*, trabalhando-se com o conjunto de signos, num enfoque semiológico, ou mais precisamente, no nível da semântica.

A primeira é desenvolvida nos EUA; a segunda, na Europa, em especial, na França. Ambas direcionam as atenções para o interior do texto, omitindo os problemas do contexto da emissão e, sobretudo, da recepção; como se a comunicação ocorresse fora da história. Tal exclusividade da mensagem - como algo congelado no canal em que é veiculado, como se não tivesse origem ou destino - torna-se alvo de críticas e palco de polêmicas, como veremos mais adiante.

Se se trata de uma análise de tipo estrutural ( a segunda que mencionamos há pouco ), não simplesmente quantitativa, melhor seria chamá-la de “*análise do discurso*”, como, inclusive, adotam os pesquisadores que seguem tal linha. Pensar em “*conteúdo*”, nesse caso, não é fazê-lo de uma maneira dicotômica, onde conteúdo e forma estão dissociados, onde a forma é tratada como mero veículo de um conteúdo, como algo menor. Desde uma perspectiva estruturalista, *forma e conteúdo* são concebidos de uma maneira conjunta, uma vez que a estrutura formal da mensagem também significa, tem sentido e, portanto, conteúdo.

---

<sup>1</sup> Citado por Maria Immacolata V. Lopes no curso sobre Metodologia da Pesquisa em Comunicação Social - ECA/USP.

Ou seja, a diferença entre os termos “*conteúdo*” e “*discurso*” deixa de ser “uma simples questão de semântica”, como se fala no senso comum, para ser uma importante questão de semântica, uma vez que significam duas linhas de estudo bastante distintas. Quando se fala em “análise de conteúdo”, parte-se de uma perspectiva dicotômica entre forma e conteúdo. Trata-se de terminologia mais cativa aos semiólogos norte-americanos que buscam a compreensão do conteúdo de uma mensagem a partir da mensuração / quantificação de seus temas e unidades presentes na forma externa da mensagem.

Já o termo “discurso” - defendido pelos semiólogos de linha estruturalista - aponta para uma visão mais integral dos fenômenos da comunicação, onde forma e conteúdo se sobrepõem. No entanto - como já afirmamos anteriormente - mesmo os estruturalistas não trabalham com a comunicação no seu todo. Assim como os norte-americanos, os europeus concentram sua energia na análise da mensagem.

Mas, afinal, qual é essa *mensagem* centro das atenções ? : Trata-se da “mensagem emitida”, ou da “mensagem recebida” por seus destinatários ? Ou, ainda, de uma “mensagem analisada” por um crítico, um intermediário, por “alguém de fora” ? que, certamente, não está tão “de fora”.

## STRUCTURA

Como ponto de partida para trabalharmos o tema “a polêmica entre semiologia estrutural e semiologia de contexto”, ocupemo-nos brevemente do *estruturalismo*.

Para Levi-Strauss - que desenvolveu a proposta de pensar e fazer ciência com base na “estrutura” - só existem dois modos de se proceder em ciência : o reducionista ou o estruturalista.

“É reducionista quando descobre que é possível reduzir fenômenos muito complexos, num determinado nível, a fenômenos mais simples, noutros níveis. Por exemplo, há muitas coisas na vida que podem ser reduzidas a processos físico-químicos, que explicam parcialmente essas coisas, mas não totalmente. E, quando somos confrontados com fenômenos demasiadamente complexos para serem reduzidos a fenômenos de ordem inferior, só os podemos abordar estudando as suas relações internas, isto é, tentando compreender que tipo de sistema original formam no seu conjunto”.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Claude LEVI-STRAUSS, *Mito e significado*, p. 21-22.

Na verdade, é no universo da lingüística que o modelo estruturalista acabou sendo melhor assimilado e mais difundido. E isso fez com que Levi-Strauss elevasse a lingüística a um *status* de verdadeira ciência, em comparação com as demais sociais. Ele chega a afirmar que “no conjunto das ciências sociais e humanas, apenas a lingüística pode ser posta em pé de igualdade com as ciências exatas e naturais”.<sup>3</sup>

A palavra “estrutura” vem do latim *structura*, derivada do verbo *struere*, construir. L. Bernot observa que “desde os primórdios, a palavra designa simultaneamente: a) um conjunto, b) as partes deste conjunto, e c) as relações dessas partes entre si”.<sup>4</sup> Como sustenta Roger Bastide, se num primeiro momento “estrutura” toma um sentido arquitetônico, designando “o modo pelo qual está construído um edifício”, “a partir do século XVII, o emprego desta palavra passou a se expandir”. Ele lembra:

“Essa expansão verificou-se numa dupla direção: 1) em direção ao homem, cujo corpo pode ser comparado a uma construção (disposição dos órgãos, por exemplo) [...] e 2) em direção às suas obras, em especial, à língua [grifos nossos] (distribuição das palavras na oração, composição de um estilo poético). . .”<sup>5</sup>

É justamente nesta segunda linha que o modelo estrutural tem sido desenvolvido no campo das ciências humanas; e, em especial nos estudos da comunicação social. É nesse sentido que o termo “análise estrutural” se consolidou e é usado no estudo das mensagens.

Eliseo Verón - em *Ideologia, Estrutura e Comunicação* - procura diferenciar os termos “estrutura” e “modelo estrutural”: o primeiro é “uma entidade objetiva, um objeto da realidade social”; o segundo, “a construção conceitual (no plano da linguagem científica) elaborada com o fim de servir de instrumento para detectar ou recortar, no real, uma estrutura”. Sendo que, “quando o interpretante ou propósito de um dado modelo é uma estrutura, chamamos a este *modelo estrutural*”.<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> Claude LEVI-STRAUSS, *Antropologia estrutural II*, p. 305.

<sup>4</sup> Citado por Bastide na introdução de *Usos e sentidos do termo “Estrutura”*, p. 2.

<sup>5</sup> Roger BASTIDE, *Usos e sentidos do termo estrutura*, p. 2. Tal livro constitui-se na memória de um colóquio sobre o termo “Estrutura”, realizado em Paris, em janeiro de 1959, sob o patrocínio da UNESCO; e traz textos de Levi-Strauss, Benveniste, Lagache, Lefebvre, Gurvitch, Goldmann e outros.

Se quisermos pensar e fazer semiologia - no caso, "semiologia de contexto" - devemos entender a proposta da análise estrutural como "um modelo destinado a determinar os aspectos sintático-semânticos de um sistema de comunicação, com o objetivo de compreender a natureza das mensagens produzidas"<sup>7</sup> -, atentemos para o fato de que Verón fala de "mensagem produzida", e não de mensagem recebida, ou de recepção.

A mensagem segue sendo o centro da discussão, o objeto de estudo. O pesquisador argentino não trabalha de maneira específica a problemática da produção / emissão da comunicação, ou da sua recepção; menos ainda, com o universo dos meios de comunicação, com o canal que veicula determinada mensagem. O objeto de estudo é a *mensagem* em si. Desde a perspectiva estruturalista, é no âmbito do texto - no interior de sua estrutura - que se dá a significação. Destarte, texto e contexto devem ser desmembrados para que possam ser estudados.

Roland Barthes afirma que "as três partes tradicionais da mensagem não reclamam o mesmo método de exploração. A emissão e a recepção da mesma concernem ambas a uma sociologia : trata-se de estudar grupos humanos, de lhes definir inovações, atitudes, e de tentar ligar o comportamento deles à sociedade total de que fazem parte. Mas no que diz respeito à mensagem em si, o método só pode ser diferente"<sup>8</sup>. Afirma-se, assim, que é no campo da semiologia que podem ser encontrados os referenciais metodológicos para o estudo da mensagem. No caso, o plano da significação encontra-se na Estrutura Semântica do texto de uma dada comunicação. É nela que os estruturalistas buscam a compreensão da natureza da mensagem.<sup>9</sup>

Surge aqui uma oposição entre semiologia e sociologia. Se os estruturalistas apóiam-se em tal separação, existem outros, nos dias de hoje, que apostam, justamente, numa dupla abordagem dos fenômenos da comunicação, numa sócio-semiologia. Estes procuram trabalhar lado-a-lado *texto e contexto*. Mais ainda, priorizaram em seu estudo o âmbito da recepção - vista, então, como uma ação verdadeiramente ativa.

---

<sup>7</sup> Id., Ibid., p. 41.

<sup>8</sup> Luiz Costa LIMA ( org. ), *Teoria da cultura de massa*, p. 301.

<sup>9</sup> Em *Semântica estrutural*, Algirdas Greimas discorre com profundidade sobre a problemática da significação, lembrando que "o mundo humano se define essencialmente como o mundo da significação" e que ele "só pode ser chamado 'humano' na medida em que significa alguma coisa". Ele adverte, também, que é no ato da comunicação, no *acontecimento - comunicação*, que o significado encontra o significante, p. 11/42.

Vale lembrar que uma das características da análise de discurso de linha estruturalista é a obsessão pela objetividade, na busca de uma rigorosidade científica. Daí, o distanciamento do estudioso em relação a seu objeto de análise. Levi-Strauss advertia que “as estruturas somente se mostram a uma observação feita de fora”.<sup>10</sup>

Reside aí um dos problemas epistemológicos do estudo da comunicação, bem como, de outras ciências humanas. Sujeito e objeto de estudo se confundem, se sobrepõem. Aquele que, enquanto cientista, analisa os fenômenos da comunicação social é o mesmo que, enquanto ser humano que vive em sociedade, faz parte de tais fenômenos. O exercício estruturalista converte-se, assim, em algo bastante complexo. Como realizar uma “observação feita de fora” - como nos adverte Levi-Strauss - quando alguém estuda as manifestações de uma sociedade de massa da qual, faz parte, com maior ou menor intensidade? A menos que se trabalhe tão somente com comunidades primitivas - como o fez o respeitado antropólogo estruturalista.

Tem sido uma denúncia constante que a comunicação social segue como órfã de teoria e fundamentação metodológica. A presença da semiologia nos estudos da comunicação é algo que tem sido apontado por muitos como a solução dessa carência teórico-metodológica.

No entanto, devemos constatar que, de um lado, o uso do *modelo estrutural* nos estudos da comunicação parece dar a eles uma maior objetividade, um rigor que lhes faltava, oferecendo a eles um sólido instrumental metodológico. Desidério Blanco e Raul Bendezu - da Universidad de Lima - lembram que “a aparição da Semiótica fez crer na possibilidade de dar à Comunicação Social um eixo organizador e estruturante de sua dispersão epistemológica”.<sup>11</sup> De outro, no entanto, tal opção metodológica ignora / omite o fato de a comunicação acontecer de forma dinâmica, num *processo* onde texto e contexto se interagem; devendo, portanto, ser estudados de maneira integrada. Os estudiosos de Lima também denunciam tal limitação do Estruturalismo: “Faltou à Semiótica atender às estruturas textuais num primeiro instante e, posteriormente, integrar os âmbitos contextuais”.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> Conforme adverte Levi-Strauss no texto “Os limites do conceito de estrutura em etnologia”, In Roger BASTIDE, *Usos e sentidos do termo estrutura*, p. 38.

<sup>11</sup> Semiótica y comunicación social, *Revista Diálogos de la comunicación*, n. 22, p. 48.

<sup>12</sup> Id., *Ibid.*, p. 48.

Nos últimos anos vem surgindo uma nova concepção no estudo da comunicação, que não se limita à abordagem sociológica da problemática da produção ou da recepção; tampouco, há um tratamento da significação como algo congelado numa mensagem cristalizada no tempo. Começa-se, então, a pensar o processo sígnico como algo que ocorre no próprio contexto, então, projetado no texto. Contexto projetado no texto não só por quem emite uma mensagem; mas também, e sobretudo, por quem a recebe, a frui. Entra em campo, então, a questão da estética. Não da estética da obra analisada pelo crítico de arte, mas a estética da própria recepção. ( Retomaremos mais adiante esta questão ).

É nesse cenário que acontece - e deve ser estudada - a “polêmica entre Semiologia Estrutural e Semiologia de Contexto” - tema da sétima unidade do *Hemisfério Sol*.

## TEXTO E CONTEXTO

Uma das questões que se colocam, quando da adoção do modelo estrutural, é a de seu tratamento *sincrônico* ao abordar o objeto de estudo. Esse olhar para dentro, para o texto - no caso da comunicação - em detrimento do contexto, torna-se alvo de críticas por parte daqueles que querem ver a problemática da significação de maneira mais global. Aí reside o maior problema para quem busca encontrar no modelo estrutural o instrumental metodológico para o estudo das manifestações da comunicação desde uma perspectiva crítica e comprometida com a história.

Não obstante, sobretudo na América Latina, são várias as tentativas de se combinar semiologia e sociologia no exercício de análise dos fenômenos da comunicação. Tais buscas partem de uma concepção do “acontecimento-comunicação” enquanto processo, onde os elementos emissor / mensagem / receptor já não são encarados de maneira estanque; onde não se dicotomiza texto e contexto. O problema é que não se trata de uma simples prática interdisciplinar, mas de um esforço no sentido de sobrepor dois princípios opostos : *sincronia e diacronia*.

Quando Levi-Strauss propõe uma prática solidária entre sociologia e lingüística, ele o faz a partir de uma conversão do sociólogo às teses do estruturalismo, na busca dos “progressos alcançados na lingüística”. No caso, não se trataria de uma interação interdisciplinar, mas de uma certa redenção de uma a outra. Levi-Strauss não explica como poderia o sociólogo tratar os dinâmicos fenômenos políticos da sociedade de maneira a não considerar o processo histórico, os fatos que os antecederam e aqueles que deverão sucedê-los.

Em “Lenguaje y Comunicación Social”, Eliseo Verón evidencia esse confronto entre estruturalismo e história. O autor aponta “três pares de oposições, estreitamente vinculados ao pensamento de Levi-Strauss : sincronia X diacronia, objetividade X subjetividade e pensamento “selvagem” X pensamento “civilizado”. Quanto à questão da objetividade, ele afirma que “existe uma vinculação íntima entre temporalidade e subjetividade”. Assim, do ponto de vista da estrutura, sincronismo acaba sendo como que um sinônimo de objetividade.

No entanto, o próprio Verón reconhece que essa opção pela sincronia somente é adequada ao estudo de sociedades primitivas. “Na medida em que uma sociedade é invadida pelos constantes câmbios históricos e se acelera o seu ritmo de desenvolvimento, torna-se vital a análise diacrônica e longitudinal e, proporcionalmente, perde o sentido a aplicação de um modelo sincrônico ou estrutural quando de seu estudo”.<sup>13</sup> Ou seja, não há como tratar a problemática cultural de uma sociedade de consumo de maneira “atemporal”, “ahistórica”; não dá para pensar os fenômenos da comunicação de massa, em sua globalidade, se se opta por uma fragmentação do processo de comunicação e por uma análise prioritária do texto.

É curioso notar que os próprios formuladores e difusores do modelo estrutural, no desenvolvimento de seus estudos, acabaram apontando para a necessidade de um tratamento adequado à comunicação, entendida enquanto um fenômeno social. Nalguns momentos, somente acenaram para a possibilidade de uma abordagem interdisciplinar. Noutros foram mais longe e propuseram um deslocamento do eixo de estudo da significação para o campo da recepção, para o contexto onde o “acontecimento-comunicação” se dá; apontando, assim, para o local da recepção como aquele em que acontece a produção de sentidos.

Nessa linha vale destacar a figura de Mikhail Bakhtin, que se opôs às teses formalistas dos estudos da semiologia estrutural, apontando para a condição dinâmica dos processos sígnicos.

Um trabalho que chama a atenção é o de Umberto Eco, intitulado “Guerrilha Semiológica”, que propõe a discussão “da mensagem que chega, à luz dos códigos de chegada, confrontando-os com os de partida”. No caso, trata-se de um investimento na criação de uma recepção crítica frente aos meios de comunicação de massa, a partir das possibilidades de interpretação que tem o receptor. Eco afirma :

---

<sup>13</sup> Eliseo VERÓN, Introducción : hacia una ciencia de la comunicación social, p. 20.

“Uma organização educativa que conseguisse fazer um determinado público discutir a mensagem que está recebendo, poderia inverter o significado dessa mensagem. Ou mostrar que a mensagem pode ser interpretada de diversos modos. Reparem : não estou propondo uma nova e mais terrível forma de controle da opinião pública. Estou propondo uma ação para impelir o público a controlar a mensagem e suas múltiplas possibilidades de interpretação”.<sup>14</sup>

Outros autores também abordam essa abertura da semiologia aos elementos diacrônicos da história. É o caso de Greimas, que aponta a *semântica* como o espaço da prática de uma “semiologia de contexto” :

“A definição estrutural das transformações diacrônicas das estruturas de significação é incontestavelmente uma das tarefas da semântica - não somente porque os homens e as sociedades são ao mesmo tempo permanentes e históricos e porque toda a descrição exaustiva não deve perder de vista esses dois aspectos, mas também, porque as transformações estruturais imaginárias têm um papel considerável em todas as espécies de ideologias - individuais e coletivas - com a ajuda das quais os homens justificam o mundo ou programam o futuro”.<sup>15</sup>

Barthes também fala da produção de significado na projeção que o público receptor faz em relação à mensagem que frui. Ele destaca o âmbito da conotação, como espaço de ação do receptor. Ele dá destaque à presença dos elementos culturais no processo de significação.

Falando sobre a “Mensagem Fotográfica”, Barthes tece uma reflexão a respeito dos processos de conotação, trabalhando, em especial, com uma mensagem não-verbal. Ele lembra que a comunicação se dá em duas direções : a ) no campo da *denotação*, onde o próprio *analagon* ( conteúdo analógico da realidade / natureza já conhecida - cena, objeto, paisagem etc. ); e b ) no campo da *conotação*, “que é a maneira como a sociedade dá a ler, em certa medida, o que ela pensa”, ou seja, como ela se projeta na composição que frui. Vale registrar que essa composição é dotada de um *estilo*, “um segundo sentido, de que o significante é um certo tratamento da imagem sob a ação do criador, e cujo significado, quer estético, quer ideológico, remete a uma certa cultura da sociedade que recebe a mensagem”.<sup>16</sup> E, no caso, Barthes não está falando de um novo paradigma no estudo da comunicação. Trata-se de um enfoque da comunicação a partir dos elementos de sua estrutura.

<sup>14</sup> Umberto ECO, Viagem à irrealidade cotidiana, p. 173/174.

<sup>15</sup> Algirdas GREIMAS, *op. cit.*, p. 328.

<sup>16</sup> Roland BARTHES, A mensagem fotográfica, *op. cit.*, p. 305.

Quando Barthes aponta para esse universo cultural da sociedade que se projeta na mensagem em forma quando do processo de fruição, vem à tona um outro aspecto muito presente nas dinâmicas de análise estrutural da mensagem : a *questão cultural*. C.R. Badcock traz em seu texto um cuidadoso exame das idéias de Levi-Strauss a respeito da *cultura como linguagem*. Fazendo uma confrontação dos conceitos *cultura e natureza*, ele registra :

“A natureza é considerada por Levi-Strauss como sendo tudo o que é comum a todos os homens e parte dos seus dotes hereditários, quer dizer, o que todos os homens manifestam independentemente da influência da sociedade e dos costumes. Por outro lado, a cultura é o contrário disso. É tudo o que não é comum, tudo o que foi aprendido, tudo o que seja dependente da vida social e das suas normas coletivas. Em outras palavras, o cultural é tudo o que é contingente e arbitrário; o natural é o necessário e o absoluto”.<sup>17</sup>

Em entrevista a George Charbonnier, Levi-Strauss insiste nessa inserção da linguagem no âmbito da cultura : “A linguagem me parece ser um fato cultural por excelência, e isso por vários motivos : inicialmente, porque a literatura é uma parte da cultura, uma aptidão ou hábito que recebemos da tradição externa; em segundo lugar, porque a linguagem é o instrumento essencial, o meio privilegiado através do qual assimilamos a cultura de nosso grupo...”.<sup>18</sup>

Nesse sentido é que entendemos os trabalhos de Umberto Eco : inseridos no campo da cultura, discutindo os significados estéticos do discurso, entendemos que as significações acontecem na projeção que o receptor - ser social - faz quando observa o conjunto estruturado da mensagem. Eco advoga que “todos os aspectos de uma cultura podem ser estudados como conteúdos da comunicação”.<sup>19</sup>

No jovem campo da comunicação busca-se ainda a constituição de fundamentos teóricos e referenciais metodológicos próprios capazes de dar conta dos dinâmicos fenômenos da área. Ainda hoje vive-se num ambiente de interdisciplinaridade, e é justamente nesse jogo sociologia / semiologia que a comunicação vem encontrando instrumentos para o seu desenvolvimento. Vendo o processo da comunicação no seu todo, nota-se que nenhuma das duas disciplinas citadas consegue, isoladamente, dar conta do problema.

Trata-se, sem dúvida, de um problema complexo, pois soa incoerente essa combinação entre metodologias que são opostas na

---

<sup>17</sup> C. R. BADCOCK, *Levi-Strauss : estruturalismo e teoria sociológica*, p. 39.

<sup>18</sup> *Arte, linguagem e etnologia* ( entrevistas com Levi-Strauss ), G. Charbonnier, p. 39.

<sup>19</sup> Umberto ECO, *As formas do conteúdo*, p. 5.

própria concepção. Se assumir a semiologia é trabalhar de maneira estruturalista - e, portanto, de maneira sincrônica e distanciada do objeto de análise - como combiná-la com as exigências da sociologia, tão inseridas no diacrônico processo histórico? Cremilda Medina lembra:

“A contribuição clássica dos estruturalistas-formalistas, dos funcionalistas, dos behavioristas, efetivamente nos leva à compreensão de certas regularidades internas da lógica lingüística, mas não dão conta do *processo* em que *o signo acontece*. Neste sentido, a fertilidade científica da descrição do fenômeno não pode prescindir, *ao mesmo tempo* [ grifo nosso ], de hipóteses explicativas que quebram com a autonomia desta Ciência. Sobretudo, aquelas que vêm da Filosofia, da Psicologia, da História e da Epistemologia”.<sup>20</sup>

Ela insiste em tal defesa, afirmando que “se a semiologia se alimentou das Ciências precisas para delimitar fronteiras, estabelecer princípios e regras, é preciso retornar a elas para verificar seus próprios impasses contemporâneos”.<sup>21</sup>

E não se trata de uma mera interdisciplinaridade onde, quando no desenvolvimento de uma pesquisa, trabalha-se de maneira intercalada, usando, ora os instrumentos da análise de conteúdo, “deixando o texto falar”, ora a contextualização desse texto, numa abordagem sócio-política. Trata-se de uma opção mais radical, que reconhece o campo da fruição como o lugar onde se dá a produção de sentidos.

Indo a fundo, nesse deslocamento do eixo de significação no processo da comunicação, pode-se pensar na adoção de um novo paradigma que busque estudar o fenômeno da significação na interação mensagem / recepção. Surge, assim, a proposta de uma *semiologia de contexto*, onde se busca um estudo da *estética da recepção*. Recepção entendida aqui, obviamente, não como algo passivo, mas como uma verdadeira ação de *fruição*.

Maria Tereza Cruz fala desse novo enfoque, desse “paradigma interacionista”, defendendo uma visão integrada entre texto e sujeito, onde “a questão fundamental não é, então, a de decidir qual é o detentor do sentido - se texto, se sujeito - mas a de saber como é que

---

<sup>20</sup> Cremilda MEDINA, *Subsídios para o estudo das bases epistemológicas que apóiam a semiologia / semiótica*, ( texto preparado para a disciplina “Teorias Latino-americanas de comunicação social e jornalismo I” ). pág. 7.

<sup>21</sup> Id., *Ibid.*, pág. 9.

texto e sujeito se constituem, e de que modo o sentido os atravessa”.<sup>22</sup> No caso, a significação se dá no momento em que esses dois elementos “se confrontam”. Na mesma linha em que Umberto Eco convidava-nos a uma discussão sobre “os códigos de chegada, confrontando-os com os de partida”, a pesquisadora portuguesa procura revalorizar a condição dinâmica do processo da comunicação, onde texto e leitor se interagem :

“A relação de que temos vindo a falar é a relação entre texto e leitor, em que o importante não é já que o destinador e o destinatário se ponham de acordo relativamente ao sentido a atribuir ao texto. (...) Não se assinala a presença do receptor para fazer dele um mero decodificador do sentido original ou intencional da obra. O receptor não é o destinatário de um sentido já constituído, enviado pelo autor / destinador por meio do texto. (...) Para uma estética da recepção, o sentido que resulta da obra, a cada leitura, é tanto a sua verdade quanto a verdade de seu receptor”.<sup>23</sup>

Quando falamos de *fruição*, estamos, justamente, referindo-nos a essa participação ativa do receptor da mensagem, o qual projeta no texto - verbal, ou não-verbal - suas expectativas de significado a partir de seus referenciais de sentido. Entendemos, pois, que fazer semiologia de contexto é ir além do texto e do leitor desse texto vistos isoladamente. É compreender a estrutura do contexto do qual ambos fazem parte; contexto este em que se dá - de maneira dinâmica e processual - a comunicação social.

Numa semiologia de contexto, mais do que a interpretação isolada da mensagem presente no texto ou da interpretação genérica do contexto onde a mensagem é praticada, vale a busca de uma interação entre os diferentes componentes do processo comunicacional, vale o estudo sobre a produção dos sentidos, vale a descoberta do “locus da significação”, essência da comunicação. Texto e contexto passam a ser tratados de maneira integrada.

A incorporação de referenciais da semiologia e da sociologia, bem como de outras ciências, certamente terá como resultado a constituição de um amplo e dinâmico arsenal teórico-metodológico para os estudos da comunicação. Com isso, eles ganham uma nova base de sustentação, que, de um lado, acrescenta critérios de rigorosidade, profundidade e objetividade e, de outro, oferece instrumental condizente com o dinamismo da sociedade onde a comunicação acontece.

---

<sup>22</sup> Maria Tereza CRUZ, A estética da recepção e a crítica da razão impura, *Revista Comunicação e Linguagens*, p. 59.

<sup>23</sup> Id., *Ibid.*, p. 62.

Com o objetivo de socializar leituras feitas sobre o tema deste artigo, apresentamos a seguir uma Bibliografia Temática.

### BIBLIOGRAFIA TEMÁTICA SOBRE SEMIOLOGIA ESTRUTURAL E DE CONTEXTO NA ANÁLISE DA COMUNICAÇÃO SOCIAL

BADCOCK, C.R. *Levi-Strauss : estruturalismo e teoria sociológica*. Rio de Janeiro : Zahar, 1976.

BAGGALEY, J. P., DUCK, S.W. *Análisis del mensaje televisivo*. Barcelona : Gustavo Gili, 1979.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo : Hucitec, 1979.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa : Ed. 70, 1979.

BARROS, Laan Mendes de. Tropicáliavelô – Uma análise de conteúdo /Forma. *Comunicação e Sociedade*, S.B. Campo, SP, n. 13, 1985.

BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. 5.ed. São Paulo : Cultrix, s.d.

\_\_\_\_\_. *Mitologias*. 8.ed. Rio de Janeiro : Bertrand, 1989.

\_\_\_\_\_. *Crítica e verdade*. São Paulo : Perspectiva, 1982.

\_\_\_\_\_. *O mito hoje*. São Paulo : Difel, s.d.

\_\_\_\_\_. A mensagem fotográfica. In : Lima L. C. ( org. ). *Teoria da cultura de massa*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1978.

BARTHES, Roland., GREIMAS, Algirdas, ECO, Umberto et al. *Análise estrutural da narrativa*. 3.ed. Petrópolis : Vozes, 1973.

BASTIDE, Roger. *Arte e sociedade*. 3.ed. São Paulo : Ed. Nacional, 1979.

\_\_\_\_\_. ( org. ) *Usos e sentidos do termo estrutura*. São Paulo : EDUSP, 1971.

BAUDRILLARD, Jean. *Para uma crítica da economia política do signo*. São Paulo : Martins Fontes, 1972.

CHALHUB, Samira. *As funções da linguagem*. São Paulo : Ática, 1986.

DURAND, Jaques, PÉNINOU, Georges. *Análise das imagens*. Petrópolis : Vozes, 1973.

\_\_\_\_\_. *O sistema dos objetos*. São Paulo : Perspectiva, 1989.

ECO, Umberto. *A estrutura ausente*. São Paulo : Perspectiva, 1987.

\_\_\_\_\_. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo : Perspectiva, 1979.

\_\_\_\_\_. *As formas do conteúdo*. São Paulo : Perspectiva, 1974.

\_\_\_\_\_. *Tratado geral de semiótica*. Perspectiva, 1980.

\_\_\_\_\_. *Obra aberta*. São Paulo : Perspectiva, 1976.

\_\_\_\_\_. *O Signo*. 3.ed. Lisboa : Presença, 1985.

\_\_\_\_\_. *Conceito de texto*. São Paulo : T.A. Queiroz/EDUSP, 1984.

\_\_\_\_\_. *Viagem à irrealidade cotidiana*. 2.ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1984.

FERRARA, Lucrécia D'Alécio. *A estratégia dos signos*. São Paulo : Perspectiva, 1986.

FIORIM, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo : Ática, 1985.

\_\_\_\_\_. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo : Contexto, 1989.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Semântica estrutural*. 2.ed. São Paulo : Cultrix/EDUSP, s.d.

- \_\_\_\_\_. *Sobre o sentido : ensaios semióticos*. Petrópolis : Vozes, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Semiótica e ciências sociais*. São Paulo : Cultrix, s.d.
- GREIMAS, Algirdas, COUTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo : Cultrix, s.d.
- JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. São Paulo : Cultrix, s.d.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*. Lisboa : Edições 70, 1989. p. 21-22.
- \_\_\_\_\_. *Antropologia estrutural II*. 3.ed. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1989.
- MEDINA, Cremilda. Subsídios para o estudo das bases epistemológicas que apóiam a semiologia / semiótica, ( texto preparado para a disciplina “Teorias Latino-americanas de comunicação social e jornalismo I” ). São Paulo : ECA/USP, 1990. (mimeo).
- MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX*. 5.ed. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1981. Iiv.
- MORIN, Violetti. *Aplicação de um método de análise de imprensa*. São Paulo : ECA/USP ( mimeo ), 1970.
- MORRIS, Charles. *Fundamentos da teoria dos signos*. Rio de Janeiro : Eldorado, 1976.
- PEIRCE, Charles. *Semiótica*. São Paulo : Perspectiva, 1987.
- PIGNATARI, Décio. *Informação linguagem e comunicação*. São Paulo : Cultrix, s.d.
- PROPP, Wladimir. *Morfologia do conto*. São Paulo : Cultrix, s.d.
- RECTOR, Mônica. *Linguagem da juventude*. Petrópolis, Vozes, 1975.

RICOUER, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1977.

ROBINSON, W.P. *Linguagem e comportamento social*. São Paulo : Cultrix, s.d.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. São Paulo : Cultrix, s.d.

TODOROV, Tzvetan. *Semiologia e lingüística*. Petrópolis : Vozes, 1971.

VERON, Eliseo. *Ideologia, estrutura & comunicação*. São Paulo : Cultrix, s.d.

———. *Lenguaje y comunicación social*. Buenos Aires : Nueva Visión, 1971.

———. *A produção do sentido*. São Paulo : Cultrix, s.d.